

## AVENIDA GUARANI

"6 - Votação da Redação Final do Projeto de Lei nº 96/51 do Sr. Vereador Floriano Peixoto de Azevedo Marques.

PARECER Nº 250/52

A COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO oferece, redigido de acôrdo com o vencido nas duas discussões, o seguinte:

PROJETO DE LEI Nº 96/51

Dá o nome de "Av. Guarani" a uma rua da cidade.

A CÂMARA MUNICIPAL DE CAMPINAS DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1º - Fica denominada "Avenida Guarani", a avenida 4 do "Jardim Guarani" e rua onze do "Jardim Paraíso".

Artigo 2º - Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas aos.....de.....de 1952.

Prefeito Municipal

Sala das Sessões, 13 de junho de 1952.

Sala das Comissões, 13 de junho de 1952.

aa) Antonio Leite Carvalhaes - Presidente e relator,  
Salvador Teixeira Penteado e Miguel Monteiro Neto.

(Extraído da "Parte Oficial da Câmara Municipal de Campinas" sobre a Ordem dos Trabalhos para a 22a. sessão ordinária a realizar-se no dia 26 de junho de 1952, às 14 horas", estampada às fls. 7 do jornal "Diário do Povo" de 25-junho-1952).



AVENIDA GUARANI



**Lei n. 729, de 8 de Julho de 1952**

Dá o nome de «Av. Guarani» a uma rua da cidade

A CAMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICIPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "AVENIDA GUARANI", a Avenida 4 do "Jardim Guarani" e rua 11 do "Jardim Paraíso".

Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos 8 de julho de 1952.

**A. MENDONÇA DE BARROS**  
Prefeito Municipal

Publicada na Diretoria do Expediente da Prefeitura Municipal, em 8 de julho de 1952.

O Diretor,  
**ADMAR MAIA**

## AVENIDA GUARANI



6 — Votação da Redação Final do Projeto de Lei n.º 96/51 do Sr. Vereador Floriano Peixoto de Azevedo Marques.

PARECER N.º. 250/52

A COMISSÃO DE JUSTIÇA E REDAÇÃO oferece, redigido de acôrdo com o vencido nas duas discussões, o seguinte:

PROJETO DE LEI N.º. 96/51

Dá o nome de "Av. Guarani" a uma rua da cidade.

A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE LEI:

Artigo 1.º — Fica denominada "Avenida Guarani", a Avenida 4 do "Jardim Guarani" e rua onze do "Jardim Paraiso".

Artigo 2.º — Esta lei entrará em vigor na data de sua publicação, revogadas as disposições em contrário.

Paço Municipal de Campinas, aos ..... de ..... de 1952.

PREFEITO MUNICIPAL

Sala das Sessões, 13 de junho de 1952.

Sala das Comissões, 13 de junho de 1952.

aa.) Antonio Leite Carvalhacs — Presidente e relator, Salvador Teixeira Penteado e Miguel Monteiro Neto.

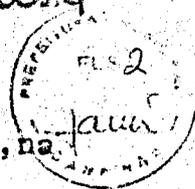
(Extraído da "Ordem dos Trabalhos da 22a. Sessão Ordinária da Câmara Municipal de Campinas, realizada em 26-06-1952, publicada na Parte Oficial do "Diário do Povo" de 25-06-1952)

RUA "O GUARANI"

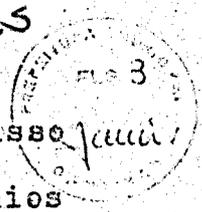
Certo dia, quando já acomodado em sua residência em Milão, na bela Italia, Gomes, amesendado em um café popular, sozinho, viu, entre surpresa e incredulo, no dorso de um livro vendido por um rapazola, o nome de "Il Guarani". Seria o romance de seu compatriota José de Alencar? De fato, era! E Carlos Gomes desde logo pensou em mandar extrair um libreto, dali. Quem poderia fazê-lo? Foi a Editora De Lucca, que já o conhecia de nome. E o chefe da impressora indicou-lhe um poeta de nome Scalvini. É um bom poeta - dissera-lhe De Lucca. Gino Scalvini! E passaram, Gino e Gomes a trabalhar ativamente juntos, compondo, lendo, relendo, musicando, remusicando, rascando laudas e laudas de caderneta musicais, para fazer tudo de novo! Foi Carlos Gomes até Torino, onde falou com seu Mestre, já muito seu amigo, o conhecido Lauro Rossi. Pelo exame que Gomes fizera preliminarmente em seu Conservatorio, o senhor Rossi já lhe conhecia o talento de seu aluno. E, pouco tempo depois, recebia o Tônico de Campinas a visita de seu irmão, José Pedro de Santana Gomes, que sempre fora mais intimo em sua vida. Fora a Italia em nome do pai Maneco Musico, saber da vida do filho dileto. E o Juca, como era conhecido, regressou quase em seguida ao Brasil trazendo granses novidades do progresso do irmão, notadamente depois que escrevera ele, Gomes, uma opereta, também muito em voga na Europa daqueles dias, cujo trabalho tinha o nome de Se sa minga... "E, de ato em ato, o maestro e Scalvini foram prossegindo no árduo trabalho a que haviam se proposto para aprimoramento de O Guarani. Foi quando lhe chega a noticia da morte do pai, Maneco Músico, em Campinas, ocorrida em 11 de fevereiro de 1868, o que recebia ele como uma punhalada no coração tao tragica se lhe apresentava a vida naqueles dias. E outro fato, também lamentável, lhe ocorre: o poeta Scalvini afasta-se da composição que vinha fazendo. Carlos Gomes não desanima, procura outro e encontra Carlo D'Omerville, que terminou, finalmente o sonhado libreto, quase todo musicado. Apresentado o trabalho á Diretoria do Teatro Scala, em setembro de 1.869 foi ele



ANPVA. 2001.4



aceito para ser levado á cena em 19 de março de 1870. E isso para pasmo de Gomes, como "opera d'obbligo"! Vieram os ensaios mas as dificuldades que se apresentavam eram vencidas até que o pior aconteceu: dinheiro. Faltava dinheiro para montagem da custosa indumentaria dos personagens do romance de José de Alencar. Aos poucos, no entanto, Carlos Gomes foi dominando tudo e as 10.000 liras que estavam faltando para completar seu trabalho caíram do céu: chegara de Campinas pelas mãos do maestro Santana Gomes - o Juca! Finalmente chegou o suspirado dia marcado para a estreia do O Guarani. Desde o primeiro ato apresentado sob silêncio e curiosidade do povo milanês, Carlos Gomes sentiu que vencia! E todo aquele povo aclamou o maestro Carlos Gomes de maneira indescritível. Basta se diga que ao final do primeiro ato fora ele chamado ao palco nada menos de sete vezes! E, no final, quando o pano de boca do Teatro italiano onde se apresentavam celebridades Gomes não queria acreditar: mais de vinte e cinco vezes foi ele chamado ao palco, num final apoteótico. Rudo isso ele viu deslumbrado, não sabendo ao menos se sonhava! Mas, era verdade: o Guarani foi o começo de uma glória que até hoje repercute no cenário imenso do mundo musical de todo Universo!



# Um romance que foi transformado em grande ópera "O Guarani"

Carriço Populoso - 3.3.1940

O escritor Antonio Scalvini, há um século passado, extraiu do romance brasileiro "O Guarani", de José de Alencar, a história que serviu de tema para a ópera-baile, do compositor campineiro Antonio Carlos Gomes.

## EPOCA E AÇÃO CÊNICA.

A ação cênica passa-se no Brasil, num Castelo de Dom Antonio Mariz, pouco distante do Rio de Janeiro, às margens do Rio Paquequer, no ano de 1560, portanto 6 décadas após o descobrimento por Pedro Álvares Cabral.

A cena representa uma esplendida arborizada, ante o Castelo do velho fidalgo português, vendo-se no PRIMEIRO ATO, ao levantar do pano, a chegada de numerosos caçadores, trazendo suas presas, enquanto ainda se ouvem ao longe sons de caça. Todos felicitam-se pela excelente caçada, enquanto Dom Alvaro, supérta, resignado e confiante, as chalaças e brincadeiras irônicas, indiretas, de outro personagem, Gonzales. Este é despeitado e ciumento, pois a filha de Dom Antonio, Cecilia gosta, mesmo é de Dom Alvaro. E os dois moços são rivais junto às atenções e subtilezas da encantadora Cecilia, que é mais chamada por Ceci.

Dom Antonio, o senhor da propriedade e pai de Ceci, parece subitamente no limiar do Castelo sob a grande porta em arco, seguido por alguns homens armados. Comprazendo-se pelo feliz regresso de seus hospedes — inclusive Dom Alvaro e Gonzales — contalhes a trágica ventura de Ceci, que fôra raptada pelos índios Aimorés, quando estava a tomar banho no Rio Paquequer e isto em represalia pela morte de uma indiazinha da tribo, que havia sido baleada por engano, numa caçada anterior.

## Aparece o índio Peri

Limitamo-nos somente ao enredo, uma vez que todo êle decorre entre cantos, côres e solos, acompanhados por grande orquestra.

Nesta altura, todos lamentam o perigo que ameaça a filha de Dom Antonio quando entra um guapo índio da tribo guarani, Peri, anunciando que salvará a sua filha. Diz Antonio: "Ele salvou Ceci, Peri... este é o selvagem, bom e manso..."

Armado de arco e flecha e com a sua indumentária especial, que o distingue dos índios de outras tribus, Peri recebe as felicitações de todos pela bela ação de ter salvado Ceci. Dom Antonio logo hesita em chamá-lo de seu irmão, o índio Peri, que se identifica como sendo filho do Cacique, quer dizer, filho de soberano. Logo ouve-se a voz de Cecilia, que juntamente com suas damas de companhia e empregadas, entra em cena. Grande o regozijo por vê-la salva do perigo.

## Dom Alvaro, o escolhido

O pai de Ceci, ante tanto entusiasmo, designa Dom Alvaro, como seu futuro esposo. A moça empalidece mas responde que está pronta a ceder à vontade paterna. Sinos da Ave Maria ouvem-se ao longe, quando todos se ajoelham, cabeça descoberta, entoando a prece à Virgem Maria. Peri observa atrás de Gonzalez, de pé e com dignidade, aquela cena.

## Aventureiro e traidor

Gonzalez, o pretendente à mão de Ceci, aventureiro e traidor, de há muito deseja aproveitar-se da generosa bondade de Dom Antonio. No fim da prece marca encontro com dois outros aventureiros — os espanhóis Ruy Benti e Alonso — na "Gruta do Selvagem", ao cair da noite. Peri tudo ouve e propõe-se a anunciar a trama, a traição dos três aventureiros, sob a capa assassina de Gonzalez, que não se conforma, ainda, com o noivado de Ceci com Dom Alvaro. Peri, preocupado, é interrogado por Ceci. Conta tudo, pois estão ameaçados seu pai, ela e o seu noivo. Mas pede para que nada diga a Dom Antonio, seu progenitor, pois prefere ser o único justiceiro, sem denunciar ninguém. Ambos se enternecem e sem saber, inocentemente, declaram-se amor mútuo num angustioso adeus. Assim finaliza o 1.º ato da ópera.

## "Gruta Selvagem"

O segundo ato consta de várias cenas, que se desenrolam na "Gruta Selvagem", na "Taberna dos Aventureiros" e no quarto de Ceci.

A gruta é ampla, que ocupa a metade do palco, do lado direito. Do lado esquerdo, do espectador, uma floresta virgem com à frente um largo tronco de árvore quebrada pelo raio. Noite escura.

AVENIDA GUARANI



# PORQUE GUARANI?

Em homenagem ao insigne maestro **ANTÔNIO CARLOS GOMES**, cognominado "O Gênio Musical das Américas", sobre o qual Giuseppe Verdi, disse: "você começa onde eu termino", a

**JOSÉ MARTINIANO DE ALENCAR**, um dos maiores escritores românticos do Brasil, um grupo de Campineiros dentre os quais: Pompéo de Vito, Raphael Iório, Vicente Matallo, Antônio de

Lucca, José Giardini e Luiz Bertoni, denominaram "GUARANI FUTEBOL CLUBE" a nossa agremiação, que foi fundada nesta cidade aos 2 de abril de 1.911.



Antônio Carlos Gomes

Nascido em Campinas, a 11 de julho de 1.836, **ANTÔNIO CARLOS GOMES**, projetou com sua música o nome do Brasil, fazendo com que a Itália (capital da ópera) se curvasse ante suas criações.

O autor de "IL GUARANY" faleceu em Belém do Pará aos 16 de setembro de 1.896. Seus restos mortais vieram para Campinas a 24 de outubro de 1.896.



José Martiniano de Alencar

José de Alencar, nasceu em Mecejana (atualmente um subúrbio de Fortaleza), Estado do Ceará, em 1.829, e faleceu no Rio de Janeiro em 1.877.

Exerceu importantes funções públicas, tendo sido Deputado, Senador e Ministro da Justiça (aos 39 anos).

Foi na época romântica (século XIX) que o nosso Indianismo Literário, teve seu apogeu.

E, como vimos, o autor de "O GUARANI", projetou-se como a maior figura desse movimento estético.

**VOCE SABIA?** A Tribuna de Honra do nosso estádio ostenta dois medalhões de bronze, trabalhos do artista campineiro Léllo Coluccini, um com a efige

de **CARLOS GOMES** oferta da Prefeitura Municipal de Campinas, e o outro com a de **JOSÉ DE ALENCAR**, doação da Prefeitura Municipal de Fortaleza.

Foram inaugurados com a moderna praça de esportes, denominada "Brinco de Ouro", no dia 31 de maio de 1.953.

# A PROPÓSITO DE "O GUARANI"

CORREIO POPULAR de 21.09.1979

Manifestou-se muito cedo a inclinação de Carlos Gomes para o teatro lírico, pois antes de seguir para a Europa como beneficiário de uma bolsa concedida por D. Pedro II, já fizera encenar no Rio de Janeiro, com relativo êxito, duas óperas — "A Noite do Castelo" e "Joana de Flanders" — sobre textos de Antonio Feliciano de Castilho e Salvador de Mendonça, respectivamente. Para o seu espírito acentuadamente voltado para o lírico, nenhum ambiente, de fato, seria mais apropriado do que a Itália da segunda metade do século XIX. A ópera absorvera, na Península, todas as outras formas musicais. Se a época romântica de Donizetti ou Bellini, ou a dos compositores "buffos" do século XVIII já havia sido superada, encontrava-se a Itália sob o fascínio das obras melodramáticas de Verdi. Os maiores sucessos do grande compositor já se haviam firmados com "Rigoletto", "Traviata", "Força do destino" e "Don Carlos", e preparava-se, então, para o grande triunfo de "Aida", composta a pedido do quevedo do Egito para as festas da inauguração do canal de Suez e estreitada no Cairo em 1871. Nesse ambiente operístico por excelência, Carlos Gomes ia sentir-se bem à vontade.

Andava a procura de assunto para a sua ópera de estria na Itália, quando lhe caiu às mãos, uma tradução do célebre romance de Alencar. Tudo no "Guarani" lhe pareceu adequado a uma ópera: amor, intriga, inveja, traição, cenas descritivas de grande beleza e um profundo sentido épico e heróico. Encomendou o libreto a um certo Antonio Scalvini, que se apressou em explicar que o drama "fu tratto dello stupendo romanzo dello stesso titolo del celebre scrittore brasileiro José de Alencar", julgando-se ainda no dever de informar ao público italiano o significado dos nomes "guarani" e "aimoré", que aparecem com frequência no drama: "sono quelli di due fra tendé tribú indigene che occupavamo le varie parti del territorio brasileiro prima che i portoghese vi appodtrassero por introduvri la civilizzazione europea". Seus parcos conhecimentos da história do Brasil levaram-no a ver em D. Antonio Mariz, "um dos primeiros que governaram o país em nome do rei de Portugal". No libreto, a sinistra figura de Loredano, do romance, foi substituída, pois não seria de bom tom apresentar ao público italiano uma ópera na qual o único personagem a desempenhar um papel execrável fosse um italiano...

Libretista e compositor, de comum acordo, transformaram-no em Gonzales, "aventureiro espanhol"... Embora houvesse escrito outras óperas bem superiores ao "Guarani" (especialmente "Fosca" e "Salvador Rosa"), Carlos Gomes ficou sendo, no consenso popular, simplesmente o autor do "Guarani". Já o próprio compositor se queixava do que lhe parecia uma injustiça, como se depreende de uma carta que escreveu ao Visconde de Taunay comentando o pedido para uma representação do "Guarani" numa das capitais de província: "Por que só o "Guarani" e sempre o "Guarani", como se eu não tivesse escrito mais nada"? Mas, fosse pelo que fosse (o assunto bem brasileiro, a popularidade do romance de Alencar ou por qualquer outro motivo) a verdade é que o Guarani fez eclipsar todas as outras óperas do compositor campineiro, tendo sido a única, até agora, a merecer as honras de uma gravação integral. No entanto, a encenação nas temporadas líricas paulistas de 1976 e 1977 revelou-nos, através de "Salvador Rosa" e especialmente "Maria Tudor", um Carlos Gomes que ainda não conhecíamos e que convém seja mais divulgado.

AVENIDA GUARANI



Semana de Carlos Gomes (II)

# "IL GUARANY"

Seleção de RINALDO CIASCA e CATALDO BOVE



No domingo demos publicidade às histórias das duas primeiras óperas de Carlos Gomes, em idioma português: "A Noite no Castelo" e "Joanna de Flandres".

Proseguindo, hoje apresentamos o resumo da ópera "Il Guarany", libreto de Antonio Scalvini, extraído do romance de José de Alencar e música de Antonio Carlos Gomes.

## O CASTELO

Chegam numerosos caçadores trazendo suas presas. Todos se felicitam. Dom Alvaro suporta resignado e confiante as ironias indiretas de Gonzales. Este é despeitado, pois ambos estão apaixonados por Cecilia, filha de Dom Antonio. Este é proprietário do Castelo. Mas o preferido da moça é o jovem Dom Alvaro.

Muitos homens armandos comentam o rapto de Cecilia pelos índios Aímorés, isto em represália à morte de uma idiazinha da tribo, que foi baleada por engano. Mas a moça foi salva por um índio de outra tribo, dos Guarany, chamado Peri. O pai não hesita em chamá-lo de irmão. Peri é filho do Cacique.

Ceci está salva.

O pai anuncia o casamento de sua filha com d. Alvaro. Ouve-se os sinos da Ave Maria. Todos se ajoelham. Peri permanece, respeitosamente de pé; até o fim da prece.

## GRUTA SELVAGEM

Os aventureiros, tendo como chefe Gonzales e os companheiros Ruy Bento e Alonso, na "Gruta Selvagem" pretendem trair o dono do Castelo, para fins criminosos. O índio Peri ouve tudo.

No Castelo Dom Antonio e Cecilia, são assediados pelos traidores. Mas Peri previne Ceci.

Peri diz que quer ser o único justiceiro, contra os traidores. Nestas alturas declaram mútuo amor, num angustiante adeus.

Na gruta Peri entra rastejando e ouve o plano dos traidores, que projetam aniquilar os habitantes do Castelo, apoderando-se de todos os valores existentes. Gonzales deseja, entretanto, poupar Cecilia, a quem ama. Al Peri corre a prevenir Dom Antonio do perigo que ameaça.

## TABERNA

Ruy e Alonso chegam e contam aos outros cúmplices o ocorrido na floresta, quando sobrevem também Gonzales, que declara haver desviado a intenção de Peri. Este quase se convenceu de que Gonzales desistira da traição. E todos resolvem agir, com toda segurança.

Cecilia está em sua alcova. Um violão no canto. O luar entra pela janela e inunda o quarto com sua

claridade. Ceci admira sozinha, a noite enluarada. E adormece.

Gonzales transpõe a sacada da janela e penetra no quarto com evidente intenção de raptar Cecilia. Esta acorda assustada e uma flexa fere cruelmente a mão de Gonzales. Responde com um tiro de pistola, mas o índio foge. Cecilia reconhece nas penas da flecha as cores e Peri e se exulta.

## PERI APONTA O TRAIADOR

Os moradores do Castelo acordam assustados. Correm para o quarto de Ceci. E duma janela, o índio aponta o traidor — Gonzales, que tentara raptar Ceci. Dom Antonio repele o traidor, lamentando ser traído na sua amigável hospitalidade.

Mas súbitamente todos ficam aterrorizados. O Castelo está sitiado pelos índios Aímorés. Todos imploram a proteção divina e os aventureiros unem-se aos castelões.

## CECILIA PRISIONEIRA

Cecilia está no acampamento dos Aímorés. Pressa. Os índios comentam o combate do dia anterior.

Todos querem vingança contra os habitantes do Castelo. O cacique fica admirado da beleza de sua prisioneira. Todos pedem a sua morte. De repente aparece Peri preso, já desarmado. O cacique reconhece o índio guarani, amigo dos odiados portugueses.

Peri é condenado a ser degolado, após um cerimonial bárbaro. Bailados. A fogueira é preparada. Afiam-se as facas. Peri e Cecilia, a sós, exprimem seus sentimentos de amor. São vigiados, para impedir a fuga.

Cecilia desata a corda que prende Peri. Este responde que não quer ser salvo, pois tomou um veneno perigoso, pois seria devorado pelos índios. E a morte destes seria certa.

Os índios antropófagos se impacientam. O cacique detem seus índios, acrescentando que só por sua própria mão será golpeado o prisioneiro de honra — Peri.

## SALVAÇÃO

Peri oferece o peito ao Cacique, para ser apunhalado, quando ouvem-se ruídos de armas. São os portugueses, dirigidos por

Dom Antonio. O cacique é morto e Cecilia atira-se aos braços do pai. Peri toma um contra-veneno e une-se aos portugueses em perseguição aos aimorés, que tentam reagir com arcos e flechas.

## SUBTERRANEOS

O castelo está ainda cercado. Os aventureiros permanecem nos subterrâneos onde existe grande quantidade de pólvora. Eles ainda tentam trair Dom Antonio, para se apoderarem dos tesouros do Castelo. Dirigem-se para os aposentos superiores, com a intenção de assassinar o proprietário — Dom Antonio. Este surge inopinadamente, com seu fiel Pedro, da portinhola do lado direito, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, fechando a porta, pois ele só bastará para punir os traidores.

Os aventureiros fogem para os subterrâneos. Peri entra pelos fundos. Avisa que o Castelo está sitiado pelos Aímorés. Mas Dom Antonio proclama que todos morrerão, sob o seu teto com morte honrosa para toda a sua família.

Peri propõe-se a resistir, mas Dom Antonio pede para que salve a filha, embora achasse o plano inconcebível. Mas o índio prepara sobre o fosso, atrás do Castelo, uma ponte de fibras vegetais, suspenso.

## O SALVADOR

O índio promete proteger Ceci. Ajoelha-se aos pés do fidalgo e recebe o sacramento do batismo, respeitosamente.

Chega Cecilia alvoroçada em busca do pai, sabendo que os últimos momentos do Castelo estão chegando.

Dom Antonio aponta o seu salvador, Peri, para ser levado junto aos parentes no Rio de Janeiro. A filha não quer separar-se do pai. Peri arranca-a dos braços de Dom Antonio e a leva incontinentemente. A moça desmaia. Dom Antonio diz a Peri... "foge, foge depressa".

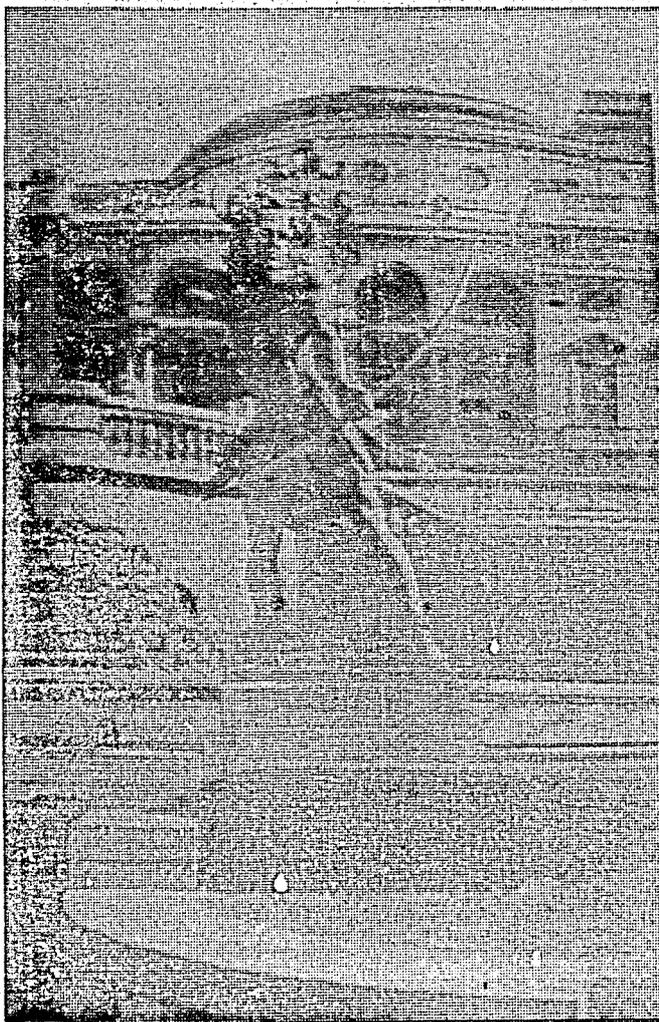
Entram os aventureiros com Gonzales à testa, que assistem a fuga dos dois. Dom Antonio interpõe-se, de espada em punho, tomando uma tocha acesa sobre a pilastra.

## DESMORONAMENTO

Dom Antonio atela fogo aos barris de pólvora, provocando tremenda explosão. Desmorona totalmente o Castelo. Todos caem mortos, enquanto que no fundo da cena se descortina o panorama dos arredores do Castelo.

Lá ao fundo vê-se o campo dos Aímorés e mais perto uma colina, sobre a qual Cecilia cal de joelhos ao ver o desmoronamento daquele lugar onde vivera com seu pai.

Peri ampara-a carinhosamente, mostrando-lhe o céu.



Monumento de Il Guarany

## A origem do povo

A origem dos Guaranis é controversa. Segundo o suíço Bertoni, existiu antes da descoberta da América uma "Grande Confederação Guarantica", com inúmeras nações espalhadas por mais da metade do Continente. A capital desta confederação teria sido a cidade de "Mbaeveraguasu". A hipótese mais aceita para a presença dos guaranis no Brasil é a de que eles descenderam dos chapadões dos Andes em direção ao Sul, e concorda com os estudos de Martius e de Couto de Magalhães. Também é possível que se hajam fixado originalmente nas Antilhas, deslocando-se de lá para regiões de toda a América, principalmente para a área entre o Equador e o Rio da Prata — e incluindo quase todo o Brasil.

As conclusões de Bertoni e Gavilan, entre outros, quanto à destruição pré-colombiana dos guaranis no Brasil e Paraguai são muito vagas; até hoje os tupis são identificados como os guaranis, erro que desde Bertoni é visto com irritação, e que demonstrou inclusive serem erradas as teses sobre representantes genuínos da raça, que seriam encontrados no Nordeste brasileiro, principalmente no Ceará.

O Paraguai era, quando chegaram os exploradores espanhóis, em 1516, a parte em que os guaranis mais se concentravam. Naquele século, a palavra "Paraguai" designava toda a bacia dos três grandes rios que convergem para o Prata. Quando se cita o Paraguai como ponto de concentração da raça a expressão engana, visto que a maior parte da área guarani situava-se fora do território da atual República do Paraguai.

Nas matas que margeiam os afluentes do rio Paraná, território hoje compreendido pelo sul de Mato Grosso, oeste de São Paulo, Paraná e Rio Grande do Sul, é que os jesuítas começaram a recolher índios para o povoamento de suas missões no Paraguai. Pondo à parte esses guaranis da República dos Jesuítas, a população indígena do território desceu de um milhão a oito mil e duzentos em 250 anos de pilhagens e massacres feitos pelos exploradores espanhóis. No Século XVII, os padres jesuítas da Companhia de Jesus penetraram nas florestas paraguaias. Já haviam organizado para os conquistadores, colégios, seminários e casas de retiro.

Os padres Ortega e Tom Filds, após percorrerem a província de Guaira, anunciaram ao Superior em Assunção a existência de duzentos mil guaranis, livres e "parecendo muito apropriado ao reino de Deus". Tentando segregar-se da avidez portuguesa e espanhola pela conquista do índio, instalaram várias reduções entre Iguacu, Paranapanema e o rio Paraná, que formaram as primeiras missões do Guaira. Missionários saíam à procura de índios para as reduções, (aldeias que formavam as missões) convencendo os caciques da paz e liberdade existentes nas missões. As reduções foram crescendo em número e população, sofrendo investidas de mamelucos, portugueses e espanhóis. Estes arrastaram em três anos a maioria dos índios das reduções, num total de 33 mil.

Depois dos assaltos feitos às povoações de São Miguel, Santo Antônio e Jesus e Maria — três reduções importantes, tanto quanto a de Los Reyes, que viria a ser a capital da República Guarani, com o nome

de Yapeyu — os padres Mansilha e Mazeta saíram em busca de ajuda para o resgate de índios e de providências contra os massacres. Foram à Bahia e ao Rio de Janeiro, mas as providências custavam muito a ser tomadas e tornou-se impossível o resgate. Como solução os missionários resolveram dirigir-se para terras uruguaias, compreendendo a retirada de 12 mil guaranis. Índios incultos desta região causaram problemas à missão, e feiticeiros chegaram a sacrificar jesuítas inclusive em atos de canibalismo.

Cinqüenta anos após a reorganização da República Guarani, o Tratado de Madri firmava as bases para encerrar as dúvidas e lutas em torno dos limites lusos e espanhóis. As mais importantes reduções passaram ao domínio português e foram estabelecidas instruções para que os índios se deslocassem do território. Felipe V, em nome da coroa espanhola, proclamou o Exército guarani como guarda avançada do reino, comprazendo-se com a destruição das reduções e de seu modo de vida.

Com a expulsão dos membros da Companhia de Jesus decretada por Carlos III, Rei de Espanha, em 1767, os fazendeiros paraguaios se apossaram das missões. Uma parte das tribos guaranis que vivia nas missões fundiu-se com a população rural do Paraguai — são os guaranis modernos. Outros fugiram para as matas juntando-se aos grupos ainda independentes, voltando a viver de caça, pesca e agricultura primitiva. Esses guaranis, os Kaiwá, viram-se envolvidos pelas tropas em luta durante a Guerra do Paraguai, tendo os primeiros contatos em larga escala com brasileiros. Após a guerra a região foi evacuada voltando os índios a levar vida independente.

A ocupação econômica da região acabou atingindo estes guaranis, com a chegada dos extratores de erva-mate — que crescia nativa naquelas matas. Em poucos anos, toda a região foi devastada, os ervais foram descobertos e postos em exploração com índios engajados nesse trabalho. A exploração dos ervais foi realizada principalmente por paraguaios que, julando também o guarani, acabaram por dominar toda a região. Tornou-se difícil para certos grupos indígenas livres conservar a vida tribal.

A impossibilidade de conciliar as exigências do trabalho assalariado individual — o pagamento pelo trabalho nos ervais — a economia coletivista guarani fez com que estes escapos das missões, dos paulistas e dos colonos acabassem mais uma vez em penúria e desespero. A tendência de exprimir desespero através de manifestações religiosas foi retomada, e os guaranis saíram em busca da "terra sem males" — movimento migratório de fundamento mítico.

Como afirma o Professor Darci Ribeiro, no seu livro "Os Índios e a Civilização", os grupos guaranis voltaram a deslocar-se em grandes levas rumo ao litoral atlântico. São liderados pelos pagés que, baseados nos relatos míticos prevêem o fim do mundo e tentam salvar seu povo, levando-o com vida a um paraíso extraterreno. A "terra sem males" continua sendo procurada e os remanescentes das grandes levas podem ser encontrados hoje, vivendo próximo ao litoral e subsistindo através da venda de artefatos e adornos.



(Recorte do jornal "O Globo", do Rio de Janeiro, de 20-novembro-1972)

Perí entra sozinho, arrastando-se por entre espesso matagal e para atrás da grossa árvore abatida pelo raio, que lhe serve de esconderijo. De lá, após ter proclamado a soberania de seu bérço de Cacique, ele assiste a conspiração dos três aventureiros Gonzalez, Alonso e Ruy que projetam aniquilar os habitantes do castelo, apoderando-se de todos os valores lá existentes. Gonzalez só deseja poupar Cecilia, a quem ama e proclama querer raptá-la ao pai, ao noivo e a todos. Perú ouve tudo e, correndo então para prevenir Dom Antonio do perigo que o ameaça, dá a perceber a sua presença. Perú luta com Gonzalez sendo dominado. Este promete, então renunciar ao seu criminoso projeto, ante a valentia do bugre.

### Taberna dos Aventureiros

Ruy e Alonso chegam à Taberna, onde o vinho jorra à vontade, pelas mesas, balcões e bancos toscos, imediatamente entra Gonzalez, anunciando que desviou a atenção do índio Perú, o qual, antes da luta, projetava avisar Dom Antonio de sua traição e que agora poderia agir com toda segurança. Eles confiavam na candura e ingenuidade do filho da estroga guarani...

### Quarto de Cecilia

O quarto de Cecilia, com leito à direita do espectador. Grande janela aberta sobre a floresta, do lado esquerdo. Portas fechadas ao fundo e à direita. Mesa e poltrona de estilo colonial. Um violão português sobre a mesa. O luar entra pela janela e inunda o quarto com sua claridade que alcança alcova. Cecilia, sozinha, admira a beleza da noite de luar e depois canta uma balada, acompanhado-se ao violão: "era uma volta um príncipe...". Entra depois no quarto, deita-se e adormece.

### Gonzalez tenta rapto

Após curto silêncio, percebe-se que o traíçoero, transpõe a sacada da janela e penetra no quarto, com evidente intenção de raptar Cecilia. Esta desperta, assustada e repele indignada, o ousado aventureiro. Gonzalez insiste com violência, e, quando está para agarrá-la, entra pela janela uma flecha, ferindo crueiramente a sua mão. Gonzalez corre para a janela, e dispara um tiro de pistola a esmo para amedrontar o agressor, enquanto Ceci, observando a flecha, reconhece apenas as cores de Perú e grita com júbilo: "É a flecha de Perú!" O estampido tiro, todavia, acordou os moradores do Castelo, que entram alvoroçados no quarto de Ceci. Esta atira-se aos braços do pai, que exige uma explicação na presença de Gonzalez e dos outros aventureiros na alcova da filha. Perú aparece, de pé, imponente, na sacada da janela, e aponta Gonzalez como sendo o chefe dos traidores. Este procura desmentir-lo, mas Perú aproxima-se e mostra a todos, a mão do aventureiro, ferida pela sua flecha. Grande indignação de todos, principalmente de Dom Alvaro e Dom Antonio lamenta a traição e sua amável hospitalidade.

### Cêrco do Castelo

Neste momento ouve-se um estranho rumor vindo dos jardins e o som de instrumentos que aterrorizam a todos. Entra Pedro, o mordomo, que anuncia o fato de estar o castelo sitiado pelos Aimorés, que reclamam vingança pela morte involuntária da jovem índia de sua tribo. Todos, ante o perigo comum, juram fidelidade e ardil para defender o castelo ameaçado e saem em punhando as armas, enquanto Cecilia ajoelha-se e pede a proteção divina.

### Aimorés aprisionam Ceci

Agora estamos no terceiro ato, vendo-se a taba dos Aimorés no limiar da floresta de onde se avista, ao longe, o Castelo de Dom Antonio de Mariz; Luxuriante vegetação e árvores secuaires. À direita do espectador, a tenda do Cacique da tribo, feita com fibras vegetais, bambús e folhas de palmeiras. De outro lado da cena, aos pés de um jequitibá-gigante está Cecilia prisioneira. Ela veste traje escuro, um véu cobre-lhe as feições, enquanto permanece dolorosamente triste. Alguns selvagens a guardam. Os índios Aimorés comentam o combate do dia anterior contra os moradores do Castelo; enquanto as mulheres lavam suas feridas e dão-lhe a beber água de côco. Ao fundo da cena uma fogueira sobre edras aquece água num panelão de barro. Ao lado da choupana do cacique, queimam folhas aromáticas sobre um montão de pedras. Crianças aimorés correm de um a outro lado, ajudando as mulheres e também aos selvagens, que aguçam e afiam as flechas, esticando as cordas dos arcos ou aprestam "inúbias" e "maracás".

### Cacique deesja uma rainha...

O cacique, em toda a sua magestade, precedido de rituais primitivos chega até Ceci, redobra as imprecações contra os homens do Castelo e ao levantar o véu que cobre a cabeça e o rosto da infeliz moça, queda admirado ante a sua beleza e já enternecido declara não ser ela uma escrava, sim rainha e absoluta soberana de toda a tribo. Os índios, ante tal pronunciamiento ficam indignados e querem mata-la. O cacique defende-a energicamente, quando entra um grupo de Aimorés, trazendo Perú prisioneiro, desarmado, apenas com o arco suspenso às costas. O cacique cheio de surpresa, reconhecendo em Perú o índio guarani, amigo do odiado dono do Castelo, indaga quem tivera a honra de vencer aquele herói da floresta.

Respondem-lhe que ninguém poderia capturá-lo, não fóra o seu destino ingrato que o fez cair extenuado. Cecilia compreende logo que ele se entregou voluntariamente só para vê-la. O cacique quer saber a razão de sua rendição. Perú retruca com altivez que fóra apenas o desejo de o matar em sua própria taba, pelo que o Aimoré furioso, responde-lhe que será degolado ali mesmo.

### Condenado a morrer

É um grande cerimonial é realizado, com danças em círculo, precedendo a morte do inimigo Perú. A fogueira é preparada. Afiam-se facas de ossos. Uma índia bonita vai até

Peri, com uma cuia contendo vinho de abacaxi, que ele recusa, deixando cair tudo no chão. As danças prosseguem com grandes alaridos, com os toques das "inúbias" e os maracas. Cecília é colocada ao lado do malanquin do Cacique, para assistir as solenidades da ante-morte de seu admirador e protetor — o Peri guarani. A moça permanece angustiada, em atitude humilde. Durante a cerimônia, Peri e Ceci, exprimem seus descontraídos sentimentos, até que o Cacique manda cessar tudo...

### Os dois a sós

O cacique manda que todos se retirem e diz à Cecília que o condenado à morte, Peri, tem direito a uns momentos de amor; é lei da tribo; retira-se com todos os índios e os dois namorados se enternecem, até que Cecília desata as cordas, perguntando de notícias do pai. Está a salvo. Ambos somente pensam na libertação, mas face à idéia da morte iminente e inevitável, declaram-se mutuamente intenso amor. Peri não cede ao insistente pedido de Ceci, que o incita a fugir. Ele diz que tomou poderoso veneno e que devorado pelos índios antropófagos, trará a morte certa a toda a tribo Aimoré, libertando assim a sua adorada Cecília e Dom Mariz, seu pai, das ameaças dos bárbaros selvagens. A moça desespera-se, enquanto os dois apaixonados trocam juras de amor. Os índios ao longe ansiosos pelo macabro banquete, gritam lacrimantemente, com feros e irrefreável impaciência.

### Golpe no prisioneiro de honra

O cacique chegando com a tribo toda declara o prisioneiro, como visita de honra, merecendo pois morrer com um só golpe de tacape"; segue-se o adeus dos Aimorés, ao oferecer ao Tupan, seu deus, a sua vítima. Peri e Ceci, ajoelham-se, implorando socorro e bênção aos seus próprios inimigos.

### Salvos

Apenas finda a invocação, Peri apresenta com desprezo o seu peito ao cacique e aos aimorés, esperando o golpe de morte, quando se ouve no limiar da floresta um forte tiroteio e todos permanecem estarecidos, com medo; Dom Alvaro e Dom Antonio, unidos com aventureiros, invadem a taba dos aimorés, num assalto de extermínio, que os subjugam completamente. O cacique cai morto e Cecília atira-se nos braços do pai. Peri, toma um contra veneno e junta-se contra a tribo, ao ataque dos portugueses e aventureiros. E assim termina o terceiro ato.

### Novas traições

Quarto e último ato: Os subterrâneos do castelo acham-se iluminados por uma tocha fincada numa mureta. Uma porta ao fundo dá acesso à uma escada rústica, que conduz aos aposentos superiores. Uma pequena porta à direita dá comunicação com outros abrigos subterrâneos. Também à esquerda. Ao lado acham-se amontoadas diversos barris de pólvora.

Os dois aventureiros espanhóis, Ruy e Alonso, esperam ansiosamente Gonzalez, seu chefe, que chega quase imediatamente para lhe relatar os últimos acontecimentos e combinar novas traições e assaltos. Gonzalez quer aniquilar Dom Mariz e Dom Alvaro, deixando para si a encantadora Cecília. Os demais aventureiros hesitam um pouco, mas acabam concordando na nova tentativa assassina. Dom Antonio Mariz, porém, surge inopinadamente com o seu fiel Pedro, o mordomo, dizendo que ouviu tudo e que está a par da odiosa trama. Ordena a Pedro que se retire, fechando a porta, pois ele só bastará para punir os traidores.

### Voltam os aimorés

Os aventureiros fogem pelo lado esquerdo, escondendo-se, naturalmente, nas profundezas dos subterrâneos do castelo, enquanto aparece Peri que entra pela porta do meio, no fundo da cena. Regosijando-se por vê-lo ainda vivo, apesar do veneno que sabia ele ter tomada, Dom Antonio aconselha-o a fugir sem demora, pois sabe que o castelo está cercado por outros aimorés que vieram reforçar os que haviam sido eliminados no dia anterior; e que também, não podendo vencer a traição dos aventureiros, que ainda se acham sob o seu teto, tomou a resolução de destruir o castelo, para ter uma morte honrada com todos os seus.

### Salvar Ceci

Peri oferece-se para lutar e resistir com Dom Antonio, mas como este recusa, o índio propõe-lhe então, salvar ao menos uma pessoa da família. "Impossível!" retruca o fidalgo. Mas o nobre indígena insiste rogando-lhe seja concedida uma última graça: a do salvar Ceci. "Mas como? indaga o pai, invadido de súbita felicidade. Peri conta-lhe que preparou uma ponte de fibras vegetais suspensas sobre o fosso atrás do castelo e que ele somente saberia atravessá-lo com a sua filha. Dom Antonio embaraçado, responde que só não lhe pode confiar a sua idolatrada filha, em tão desesperada situação, por não professar o índio a mesma fé cristã dos portugueses. Peri, imediatamente, roga a Dom Antonio que o batise, pois está pronto a adorar o mesmo Deus de Cecília. Ajoelhando ante o velho fidalgo, o índio recebe a bênção do batismo; beijando respeitosamente a cruz da espada de Dom Antonio, que lhe apresenta como símbolo sagrado.

### Cecília não quer

Apenas finda a comovedora cerimônia, chega Cecília, muito alvoroçada em busca do pai, anunciando que tudo está acabado. Os aimorés cercaram o castelo, Dom Antonio, porém diz-lhe que ela poderá ser salva por Peri. E conta como pode se evadir, para ser levada junto de seus parentes no Rio de Janeiro. Cecília não quer separar-se do pai e insiste para ficar e com ele morrer. O pai ordena a Peri que a leve à força. Cecília desmaia. O pai beija-a carinhosamente e exclama: "foge, foge depressa, Peri..." Este diz o último adeus ao fidalgo e parte rapidamente levando Cecília em seus braços.

### FIM DO CASTELO

E nesse interregno, entram os aventureiros, traidores, que percebendo a fuga dos dois, quer persegui-los, gritando-lhes que parem. Dom Antonio interpõe-se advertindo-os e ameaçando-os com uma tocha acesa sobre a mureta. Gonzalez ataca, de espada em punho e o fidalgo, rápido atea fogo nos barris de pólvora, provocando uma tremenda detonação e o desmoronamento do castelo. Todos caem mortos, enquanto no fundo da cena descortina-se o panorama dos arredores do castelo, vendo-se o campo dos Aimorés ao longe e mais perto uma colina, sobre a qual Cecília cai de joelhos ao assistir o fim trágico do castelo com seu pai dentro... Peri ampara-a docemente, quando Cecília desmaia em seus braços, confiante em seu protetor.

(Síntese de Cataldo Bove).

Fevereiro 1970.